



Ed Alves/CB/DA.Press



O calvário de perdas causadas pelo crime

Na última reportagem da série, o **Correio** faz um balanço do número de membros das duas principais torcidas organizadas do Distrito Federal, vítimas não da rivalidade entre elas, mas de homicídios devido à guerra por tráfico de drogas e brigas entre gangues ou desafetos. Especialista analisa o problema

DARCIANNE DIOGO, ED ALVES (FOTO) E LUCAS PACÍFICO (ARTE)

Uma comunidade em luto. Uma mãe em lágrimas. Uma ferida que não cicatriza. De 2014 a fevereiro deste ano, as torcidas organizadas Ira Jovem Gama e Facção Brasiense perderam mais de 20 membros por mortes relacionadas ao crime. Jovens tiveram as vidas ceifadas em consequência da guerra pelo tráfico de drogas, de gangues e por desafetos. Ao público, as uniformizadas e os entes queridos das vítimas exteriorizam o sentimento de perda. Na quarta e última reportagem da série Na bola e na bala, o **Correio Braziliense** traz um balanço dos associados vítimas de homicídio no Distrito Federal (veja arte).

Apesar de os crimes não terem relação com a rivalidade entre as organizadas, as estatísticas retratam o cenário violento no DF há décadas. Em 2023, 226 pessoas morreram vítimas de homicídios dolosos (quando há intenção de matar) na capital federal: 214 homens e 12 mulheres. Os dados são do Mapa da Segurança Pública do Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública (Sinesp). Neste ano, em janeiro e fevereiro, o levantamento da Secretaria de Segurança Pública (SSP-DF) indicou 34 assassinatos.

As organizadas sentem na carne a perda de um “irmão de farda” para a criminalidade. Quase 80% dos membros desses grupos são adolescentes e jovens. Alguns acumulam passagens na polícia por tráfico de drogas, roubos, furtos e porte ilegal de arma de fogo. Aos que foram, fica a homenagem estampada em bandeiras e faixas.

O **Correio** detalha algumas das ocorrências nas quais os afiliados das torcidas foram vítimas. Na Ira Jovem Gama, de 2014 a fevereiro deste ano, ao menos 13 jovens foram assassinados. Entre eles, Diego Marques, do Bonde Oeste, morto à luz do dia, em 30 de março de 2018. Diego estava junto à namorada e o irmão, dentro de um ônibus. Ao descer na parada do Condomínio Total Ville, em Santa Maria, foi abordado por três criminosos. Eles estavam em um Ford Ka, detalha a ocorrência policial. Os autores indicados são identificados como Marlos Junio Tavares e Victor Alberto do Carmo.

“Geralmente, a vida desses jovens foi estruturalmente marcada por diversos outros tipos de violências, evidenciadas também em processos de socialização primária e secundária caracterizados pelo ethos masculino de culto à virilidade, da contenção de emoções, do recurso ao uso da força física bruta, pela crueldade, pela desumanização do outro e de seus próprios corpos”

Welliton Caixeta Maciel, especialista em segurança pública

“A gente ainda está sem acreditar. Quase um ano depois, a família está muito abalada. Não tem como não ficar. Ele era uma pessoa gente boa”

Colega de Kelvin Oliveira, 23, que foi assassinado em 2023

Segundo as investigações da época, o trio seguiu a vítima até o local, onde efetuou os disparos. A motivação seria por causa de uma guerra de gangues na região de Sobradinho. Testemunhas também relataram à polícia que, antes de morrer, Diego falava que vingaria a morte dos “irmãos”. Em 2017, Diego já havia sido alvo de um atentado, próximo à Universidade de Brasília (UnB).

O caso mais recente aconteceu em 11 de março. A criminalidade tirou a vida de Kaio Reis, 20. “Kadin”, como era conhecido, foi surpreendido a tiros na Quadra 1 do Setor Sul do Gama. Populares informaram à Polícia Militar que os autores estavam em uma moto no momento em que abordaram a vítima com ao menos cinco tiros. A motivação estaria relacionada a um acerto de contas. O caso segue sob investigação na 14ª Delegacia de Polícia (Gama).

Em julho do ano passado, Kelvin Oliveira, 23, foi executado com três tiros, na Quadra 30 do Setor Leste do Gama. Ex-membro do Bonde Oeste, o jovem é filho de um PM da reserva e a família dele mantinha um comércio próximo ao local do fato. “A gente ainda está sem acreditar. Quase um ano depois, a família está muito abalada. Não tem como não ficar. Ele era uma pessoa gente boa”, declarou um colega de Kelvin.

Nas redes sociais, as uniformizadas fazem questão de publicar notas de pesar pelos falecidos. “Manifestamos nossa solidariedade à família e aos amigos nesse momento de dor. Esperamos que sintam-se abraçados por nossa instituição e possam ser confortados pela lembrança das suas atitudes em vida. Saudades eternas.”

Em 2020, Matheus Vinícius de Araújo Oliveira teve a vida tirada de maneira covarde, perto de uma casa noturna do Gama. Na noite de 14 de março daquele ano, Matheus presenciou uma briga entre um casal e saiu em defesa da mulher, vítima de violência. O agressor, identificado como Ítalo Igor Silva de Oliveira, xingou a mãe de Matheus, saiu em um carro e, depois, retornou em posse de uma arma.

Matheus foi atingido com um tiro na cabeça, levado ao hospital, mas não resistiu. Em agosto